

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA EM AMBIENTES EDUCATIVOS

CURITIBA

2017 |

DÉBORA CRISTINA DA SILVA BORIN

PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA EM AMBIENTES EDUCATIVOS

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção de Licenciatura Curso de Pedagogia, Setor de Educação. Universidade Federal do Paraná.

Orientador Prof^º: Leandro Kruszielski.

Curitiba

2017

TERMO DE APROVAÇÃO

DÉBORA CRISTINA DA SILVA BORIN

PROMOÇÃO DA RESILIÊNCIA EM AMBIENTES EDUCATIVOS

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná como requisito à obtenção de grau de licenciatura, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Leandro Kruszielski

Orientador – Setor de Educação da Universidade Federal, UFPR –
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação

Prof.^a Dra. Gabriela Isabel Reyes Ormeno

Avaliadora – Setor de Educação da Universidade Federal, UFPR –
Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação.

Curitiba, 08 de Dezembro de 2017.

Dedico esta monografia a todos que contribuíram de alguma forma, em especial, àqueles que me inspiraram em busca da resiliência em diversos contextos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por estar presente durante todos esses sete anos que permaneci na UFPR, me dando força para superar todas as adversidades que vivenciei, tornando-me alguém que acredita que somos capazes de qualquer coisa quando temos um objetivo na vida.

À minha família que me deu suporte emocional e financeiro muitas vezes para seguir no curso e me motivou nos dias mais exaustivos. Em especial a minha mãe que se dispôs a cuidar do meu amado filho Victor para que eu pudesse terminar a graduação e ao meu pai que não mediu esforços para me ajudar financeiramente para compra de livros, fotocópias e alimentação.

Aos professores que me possibilitaram uma imersão ao mundo literário e a pesquisa acadêmica, além de propiciar prosas de encorajamento diante das dificuldades. Particularmente à professora doutora Eliane Precoma que acolheu meu desejo sobre o estudo da resiliência e auxiliou no início da minha pesquisa e também como meu orientador Leandro Kruszielski que aceitou o desafio desta pesquisa.

Aos meus grandes amigos que tiveram paciência e compreenderam quando eu não pude comparecer nos compromissos, pois estava me preparando estudando para provas, seminários, artigos e trabalhos. Aos amigos que fiz nessa jornada e que me apoiam a prosseguir alcançando meu objetivo.

Por fim, agradeço a cada um que fez parte nos momentos bons e ruins e que sempre estiveram ao meu lado.

Muito obrigada!

“Nossa história não é um destino. Nada fica escrito para sempre. A verdade de hoje não o será amanhã. Os determinismos humanos são de curto prazo.

Os sofrimentos nos obrigam a metamorfosear-nos e nunca perdemos a esperança de mudar a maneira de viver”. (Cyrułnik, 2001)

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 ORIGEM TERMINOLÓGICA E CONCEITO DE RESILIÊNCIA	11
3 RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS	15
4 RESILIÊNCIA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO	17
5 ANÁLISE DE ESTUDOS EMPÍRICOS DE RESILIÊNCIA NO BRASIL ENTRE 2009 A 2015	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24

RESUMO

O contexto brasileiro apresenta diversas situações em que os indivíduos vivenciam momentos de difícil assimilação e enfrentamento dos problemas. Com isso, pesquisadores notaram que em algumas pessoas esse enfrentamento resultava em uma adaptação positiva, superando as situações difíceis. A partir disso, estudos foram realizados em torno da resiliência. A presente pesquisa compreende a importância da promoção da resiliência, sobretudo no âmbito educativo. Tem-se como objetivo apresentar a origem do termo e seu conceito, bem como a história da resiliência, relacionando a resiliência com o ambiente escolar e corroborando com uma análise de estudos empíricos no contexto brasileiro. Através dessa pesquisa verificou-se como o estudo da resiliência é compreendido no meio acadêmico nos níveis de ensino, fundamental, médio e superior.

Palavras chave: Resiliência, adversidades, educação escolar.

1 INTRODUÇÃO

A realidade do contexto socioeconômico no Brasil, assim como em outros países em desenvolvimento, serve como parâmetro para identificar os principais problemas enfrentados, como a desigualdade social, dificuldades a bens de consumo e serviços, além da violência nos diversos âmbitos da sociedade. Assim, na área do desenvolvimento humano, as reflexões para compreender essas questões sociais, pesquisadores e estudiosos iniciam uma busca pelo conhecimento de melhor desenvolver o potencial de todos.

Nesse contexto, começam a obter uma visão diferenciada de sujeitos que apresentavam uma adaptação a uma situação danosa, a partir daí, os estudos com um enfoque na resiliência ganham força e vem se ampliando ao longo dos anos.

Baseado em leituras de obras e artigos a cerca da Resiliência, este trabalho tem como objetivo apresentar questões fundamentais do conceito da resiliência, abordar suas diferentes concepções, a sua historização e promover reflexões sobre a resiliência no contexto escolar.

Tendo em vista como tema emergente e relativamente novo na área educacional, a resiliência vem sendo discutida e pode ser aplicado no ambiente escolar, tanto para professores quanto aos estudantes. Há situações vivenciadas que apresentam adversidades e grande parte delas não sabemos como superá-las.

De acordo com Yunes (2003), o tema resiliência é bastante conhecido nas literaturas internacionais, como países da Europa, nos Estados Unidos e Canadá, não só por profissionais das ciências sociais e humanas, como também em referências da mídia a pessoas, lugares, ações e coisas em geral.

No Brasil, vem sendo utilizada há poucos anos e o seu uso ainda se restringe a um limitado grupo de pessoas e alguns círculos acadêmicos como afirma Peltz, Moraes e Carlotto (2010) e para Yunes (2003) a palavra resiliência e seus significados ainda permanecem desconhecidos para grande maioria das pessoas, enquanto nos países mencionados, o termo é utilizado em programas políticos de ação social e educacional.

A origem da palavra resiliência vem do latim *resilire*, que significa a capacidade de elasticidade de um corpo, ou sua tendência de reconstruir, ou

de retornar à sua forma original. Sendo assim, a resiliência refere-se a processos que explicam a superação das adversidades, cujo foco é o indivíduo (Yunes, 2003, p.75). Essa ideia ganha força, de forma específica dos traumas, com o autor Boris Cyrulnik, que segundo Hernández (2015) é considerado um dos pais da resiliência, Cyrulnik (2001) coloca que “a noção de resiliência tenta compreender de que forma um golpe pode ser assimilado, pode provocar efeitos variáveis e, mesmo, um retrocesso”.

Hernández (2015) destaca a importância ao apoio da resiliência ao afirmar que é entendida como uma força presente em todas as pessoas que necessitam dos demais para nutrir-se e manifestar-se.

A partir desses pressupostos da resiliência, se observa a importância do tema e relacionar esses movimentos de superação para a escola. Uma vez que a instituição escolar é um dos pilares mais complexos da sociedade, pela sua variedade de situações e indivíduos que o compõe, sendo um ambiente que reflete a conjuntura da sociedade que esta inserida.

A metodologia adotada para a realização deste trabalho foi uma revisão da literatura devida complexidade que o tema nos provoca e a partir disso, compor o estudo da resiliência com a origem do termo e sua conceituação e historização, o seu uso como instrumento pedagógico e por fim uma análise dos estudos empíricos sobre a resiliência na educação brasileira entre 2009 e 2015.

2 ORIGEM TERMINOLÓGICA E CONCEITO DE RESILIÊNCIA

A terminologia da Resiliência remete ao estudo da física e da engenharia, sendo o cientista Thomas Young em 1807 a introduzir a noção de elasticidade. Young buscava compreender a relação entre a força aplicada ao corpo e a alteração que essa forma exercia nesse corpo, em que o material tem a capacidade de retornar ao seu estado natural mesmo sofrendo alterações do meio. Para Raymundo e Leão (2013) e Yunes (2003), Young foi o pioneiro em elaborar um método para o cálculo dessas forças a partir dos estresses causados pelos seus impactos.

Em outras palavras, esse cientista estudava de que maneira os materiais eram capazes de armazenar uma energia de deformação sem sofrer deformações permanentes Yunes (2003).

É importante salientar que na física e na engenharia, os materiais são submetidos a medições e cálculos matemáticos para se obter um resultado de resiliência, mas que os diferentes materiais apresentam diferentes módulos de resiliência, como afirma Yunes (2003, p. 77).

Um dos componentes da literatura nos últimos anos sobre a resiliência diz respeito à existência de três gerações de pesquisadores, algo que é expresso entre os especialistas em resiliência. A primeira geração refere-se às primeiras pesquisas com o foco na infância em situações de risco, o estudo mais famoso e que colaborou para estudos posteriores e difusão do conceito foi realizada por Emmy Werner e Ruth Smith¹ (1982, citado por HERNÁNDEZ p. 30), pesquisa realizada por mais de trinta anos, aproximadamente com 698 crianças expostas a riscos pré-natais, perinatais e pós-natais até a vida adulta, nascidos em 1955 na Ilha de Kauai, no Havaí. Durante essa investigação, as pesquisadoras puderam concluir que apesar dos riscos biológicos e psicossociais a que estavam expostas, parte conseguiram evoluir positivamente sem intervenção terapêutica, tornando-se adultos eficientes e integrados a sociedade. A partir disso, Segundo Hernández (2015), as crianças que num primeiro momento eram consideradas vulneráveis e que conseguiram superar as condições de sua infância e viver diante da totalidade, foram chamadas de “resilientes”.

¹ WERNER, E. E.; SMITH, R. S. *Vulnerable but Invincible: A Longitudinal Study of Resilient Children and Youth*. New York: McGraw-Hill, 1982.

Essa primeira geração, permitiu ampliar o foco da pesquisa, colocando as características pessoais (autoestima e autonomia) da adaptação positiva que permitiriam superar a adversidade, fatores externos que contribuíram como a estrutura familiar e a presença e apoio de um adulto. Para Infante (2005 p. 24), pesquisadores dessa geração se reconheceram com o modelo triádico de resiliência, que se compõem em atributos individuais, aspectos da família e aspectos ambientais sociais a qual pertence.

A segunda geração, que obteve publicações nos anos de 1990, estende seus estudos sobre a resiliência para o âmbito da adolescência, e o foco é de que forma se consegue resultados resilientes, construindo uma visão de resiliência enquanto processo. Pesquisadores pioneiros desta geração, se atribui a Michel Rutter (1991) que propôs o conceito de mecanismos protetores e Edith Grotberg (1993), pioneira na noção dinâmica da resiliência, formulou o conceito que dá base ao Projeto Internacional de Resiliência (PIR) e define em seu estudo que há, segundo Infante (2005, p. 25): “a interação de fatores resilientes advindos de três níveis: suporte social (eu tenho), habilidades (eu posso) e força interna (eu sou e eu estou)”. Essa geração busca atingir aplicações práticas para a promoção da resiliência.

No viés europeu, os escritos do pesquisador Boris Cyrulnik tem um destaque maior na ideia de resiliência como um processo de superação da adversidade, especificamente a dos traumas, como coloca Hernández (2015, p. 31).

Para Boris Cyrulnik (2001) “a noção de resiliência tenta compreender de forma um golpe pode ser assimilado, pode provocar efeitos variáveis e, mesmo, um retrocesso”. Nesse sentido, o indivíduo possui um papel mais ativo sobre aquilo que causou alguma mudança, e através deste o indivíduo reage de diferentes formas. Esse momento tem grande importância, ainda mais se a pessoa relatar o fato, pois assim lhe favorece trazendo uma sensação de alívio, uma ação terapêutica que auxilia no processo da resiliência.

Na terceira geração de pesquisa de resiliência, há uma corrente com o modelo holístico de resiliência que engloba as pesquisas e propostas teóricas anteriores, incorporando uma visão de processo diversificado, dinâmico e a importância da ação narrativa.

Como vimos, há três gerações de estudos acerca da resiliência, em cada uma há um objetivo a alcançar e/ou uma pergunta que movimento esses estudos. Para primeira geração, procura responder de que maneira aquelas crianças do estudo correspondiam de forma positiva à vida, apesar das adversidades vivenciadas. Elemento chave nesse momento são os fatores de risco e fatores de proteção, devido à centralização do tema na infância em situações de risco. A partir do desenvolvimento desta pesquisa e através do que ela mostrava, esse modelo se mostrava inadequado devido outros elementos que se mostravam relevantes, como a presença em outras faixas etárias e situações bem diversificadas denotando uma maior abrangência, a partir disso, Grotberg troca fatores de risco por fatores de resiliência na segunda geração como afirma Hernández (2015, p. 34).

E na terceira geração há incorporação dessas denominações, mas devido a incompatibilidade de nomenclaturas, se propõe um novo construto: os fatores de resiliência e de não resiliência.

A definição da segunda geração é adotada por Luthar e outros² (2000 citado por INFANTE, p. 26), que a resiliência é “um processo dinâmico que se tem como resultado a adaptação positiva em contextos de grande adversidade”. Infante (2005) ressalta ainda que outras características são componentes essenciais que devem estar presentes no conceito:

- Noção de adversidade, trauma, risco ou ameaça ao desenvolvimento humano;
- A adaptação positiva ou superação da adversidade;
- O processo que considera a dinâmica entre mecanismos emocionais, cognitivos e socioculturais que influem no desenvolvimento humano;

Em relação a alguns estudos e experiências tem mostrado algumas explicações sobre a resiliência. De acordo com Peltz, Moraes e Carlotto (2010) na biologia é defendido que cada ser humano é dotado de um potencial genético que o faz mais resistente que outros. Na psicologia, é entendido a partir da infância e suas relações familiares que construirá nesse indivíduo a capacidade de suportar crises e superá-las. Já no campo da sociologia, faz referência à cultura, as tradições como construtores dessa capacidade do indivíduo de superar as adversidades.

² LUTHAR, S. CICCETTI, D. BECHER, B. (2000): “The Construct of resilience: A critical evaluation and guidelines for future work”, *Child Development*, 71 (3), p543-558.

Portanto, na historização do conceito de resiliência há várias definições, mas ainda não se tem uma definição clara como a de Young na Física e Engenharia. O fenômeno da resiliência é amplo, devida a sua complexidade e multiplicidade de fatores e variáveis que devem ser considerados no estudo dos fenômenos humanos como afirma Yunes (2003, p. 77).

3 RESILIÊNCIA E EDUCAÇÃO: ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

A educação, tem como pressuposto em qualquer sociedade instruir, disciplinar, transmitir valores e costumes. Também pode ser compreendida como ato de liberdade, modificando a vida do ser humano “a partir do desejo do conhecimento” (FREIRE, 1997). Do latim *educare, educere*, significa “conduzir para fora” ou “direcionar para fora”, empregando no sentido de preparar as pessoas para o mundo e viver em sociedade.

A partir desses conhecimentos, é possível compreender que a educação é algo necessário a todos os indivíduos, assim como é destacado na Constituição Brasileira de 1988 que concedeu como direito fundamental no artigo 205.

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

(BRASIL, 1988)

Posto isso, a educação é caracterizada por uma proposta sistematizada de saberes e valores a qual se utiliza o conhecimento científico. Mas, além dessas particularidades inerentes ao sistema educacional, deve-se entender que a escola também tem uma função social importante, e que adota um papel primordial a comunidade que está inserida.

Cada instituição escolar deve cumprir essa função social através do documento institucional denominado Projeto Político Pedagógico (P.P.P.) que tem como objetivo sistematizar intenções e metas a partir de uma problematização do contexto vivido, propondo intervenções relacionados a vivência escolar e comunitária.

Como ressalta Saviani³ em seu discurso em 1985 ao discursar numa formatura de pedagogos.

[...] Empenham-se no domínio das formas que possam garantir às camadas populares o ingresso na cultura letrada, vale dizer, a apropriação dos conhecimentos sistematizados. E, no interior das escolas, lembrem-se sempre de que o papel próprio de vocês será provê-las de uma organização tal que cada criança, cada educando, em especial aqueles das camadas trabalhadoras, não veja frustrada a sua aspiração de assimilar os conhecimentos metódicos,

³ SAVIANI, Dermeval. *Sentido da Pedagogia e Papel do Pedagogo*. In: Revista da ANDE, São Paulo, n. 9, p. 27-28, 1985.

incorporando-os como instrumento irreversível a partir do qual será possível conferir uma nova qualidade às suas lutas no seio da sociedade. A vocês cabe, pois velar no interior das escolas para que elas não se num sem-número de atividades acessórias, desviando-se de seu papel fundamental que é a difusão do saber sistematizado [...] (PICOLI e CARVALHO, 2010, p. 42).

Em seu discurso, Saviani afirma que o papel do pedagogo enquanto difusores e mediadores do saber e a sua importância do construto da sistematização da organização escolar, compreendendo assim, o Projeto Político Pedagógico como instrumento articulador dos afazeres escolares e a participação coletiva da construção desse documento.

Analisando esse segmento, os sujeitos inseridos neste ambiente escolar estão propensos a diversas situações, alguns a se pensar na intervenção como, por exemplo, violência na região que a escola está estabelecida; ou o alto índice de evasão escolar; ou ainda o baixo rendimento escolar de crianças em situação de vulnerabilidade social⁴. Esses são alguns dos inúmeros exemplos de adversidades que as instituições escolares do país enfrentam cotidianamente.

A resiliência no âmbito escolar mostra-se um caminho muito interessante que pode ser proposto e desenvolvido, pois apresentam possibilidades de desenvolvimento mais positivo dos indivíduos, enfrentando às dificuldades oriundas das mais diversas situações. Nessa perspectiva, como afirma Raymundo e Leão (2013) a resiliência no contexto escolar se apresenta como uma pedagogia inovadora e merece ser incentivada, tornando-se um processo de adaptação passível ao desenvolvimento em ambientes favoráveis ou adversos.

⁴ Conceito que se caracteriza por uma situação de vida que o indivíduo se encontra à margem da sociedade, principalmente por fatores socioeconômicos.

4 RESILIÊNCIA COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO

A partir desses conhecimentos com relação ao conceito e base histórica da origem da resiliência, é possível compreender que os contratempos e situações adversas estão presentes na vida humana, seja em qualquer período da trajetória do ciclo de vida de cada indivíduo. Todas as pessoas estão sujeitas a momentos de atribulação, infelicidade, transtorno, situações adversas que causam estresse, talvez uns grupos mais que outros, mas todos estão predispostos independente da classe social, etnia, faixa etária, entre outros.

De acordo com Peltz, Moraes e Carlotto (2010) a escola pode propiciar um aumento e o fortalecimento de habilidades de resolução de problemas e a aprendizagem de novas estratégias, bem como capacitar professores para auxiliar os estudantes com dificuldades.

Diante disso, as pesquisas sobre resiliência indicam caminhos de promoção da mesma, tornando o sujeito mais confiante diante dos enfrentamentos destas adversidades, não necessariamente que saia ileso da situação, mas sim um auto fortalecimento pois há uma ressignificação do problema enfrentado.

De acordo com Raymundo e Leão (2013) no contexto escolar, sendo como uma das bases da sociedade, a resiliência se mostra uma maneira pertinente e de grande valia para uma nova pedagogia, centrada não mais como um mero transmissor de conhecimentos, refletora de uma construção do desenvolvimento intelectual e sim numa pedagogia voltada ao sujeito como um todo, atribuído a eles manifestações de cunho cognitivo, artístico, emocional e social. Sujeito que participa, interage nas relações com os demais, que expressa sua opinião, que tem voz e vez naquele ambiente.

Segundo Raymundo e Leão (2013) e Minayo, Moreira e Fajardo (2010), autores como Antunes (2007), Assis, Pesce e Avanci (2006), Barbosa (2006), Tavares (2001), Varela (2005) e outros salientam a relevância da resiliência na educação escolar, pois para eles a escola é um dos espaços promotores da resiliência mais capazes que a sociedade pode pôr em prática, por apresentar dois importantes fatores: primeiro pelo agrupamento de sujeitos diferentes e de realidades que se diferem umas das outras e o segundo pela relação professor

aluno dentro de uma perspectiva de desenvolvimento humano, sendo de proteção e não de fatores de risco.

Com base nisso, a educação escolar se mostra um meio acessível e direto em que se pode desenvolver projetos de caráter resiliente e merece ser incentivada e promovida entre os sujeitos que atuam na educação, para isso, se faz necessário compreender as relações inerentes ao âmbito escolar, relações entre direção e equipe pedagógica, equipe pedagógica e professor, relação professor e aluno, professor e família, equipe pedagógica e família, escola e comunidade. Todos esses grupos sofrem pressões diárias, seja pela sociedade ou pelo Estado, mas cabe ao professor o centro de todas essas relações e pressões contidas.

Há um enfrentamento diário para combater as violências (internas e externas), combater a falta de recursos financeiros para manutenção e compra de materiais que são fundamentais no dia a dia, é saber administrar a escola com poucos professores, entre outras adversidades que a escola vivencia cotidianamente.

De acordo com Raymundo e Leão (2013), os professores são afetados diariamente, em razão das exigências e atribuições escolares, pressões advindas da sociedade, da família e do estado, a desvalorização do trabalho docente perante ao estado e sociedade, baixo investimento do estado para a educação, falta de recursos, mudança de estrutura curricular e inconstância na gestão do sistema educacional.

Para Fajardo, Minayo e Moreira (2010, p. 766) saber articular as formas de promover a resiliência é a chave para cumprir objetivos fundamentais tais como formar pessoas livres e indivíduos responsáveis, em casos em que há ausência de laços familiares, a escola fica incumbida desse papel fundamental na educação para a resiliência.

Em síntese, a promoção da resiliência no âmbito escolar pode contribuir para o fortalecimento das relações sociais e comportamentos de forma positiva entre docentes e estudantes, uma vez que se evita o isolamento social que poderia culminar na violência e na discriminação. A promoção da resiliência auxilia também o professor no sentido de identificar e auxiliar seus alunos nos momentos de enfrentamento de problemas e dificuldades que eles estejam vivenciando, contribui ainda na criação de estratégias na atuação dialógica e

de negociação de conflitos, possibilitando a prevenção da violência e de enfrentamento que lhe traga consequências que o prejudiquem enquanto processo de desenvolvimento humano.

Desse modo, para se construir uma escola resiliente, é preciso que os professores sejam instalados a compreender a importância de desenvolver estratégias de fortalecimento das pessoas e sejam preparados para isso, sabendo lidar com as situações estressantes e adversas, segundo Marques⁵ (2008, citado por FAJARDO, MINAYO e MOREIRA, 2010).

Nesta perspectiva, mesmo as escolas mais marginalizadas e com poucos recursos pode promover a resiliência, começando por ela mesma. Assim como se destaca Miravalles e Ortega (2015, p. 15) “Nossa escola deveria ser uma escola resiliente, onde surgiriam múltiplos fios que introduziriam palavras de esperança.”.

Portanto, a promoção da resiliência no ambiente escolar implica em mudar o pensamento da escola, é ter um olhar humano. Os enfrentamentos podem ser extraescolares (situações da família ou comunidade) ou intraescolares (situações de exclusão, *bullying*, rotulação pela sua capacidade cognitiva, entre outros.).

⁵ MARQUES, R. Resiliência: ada vez mais necessária aos professores. [S.l.], 2008. Disponível em: <http://ramiromarques.blogspot.com/2008/04/resiliencia-cada-vez-mais-necessaria-aos.html>. Acesso em: 29 de maio 2008.

5 ANÁLISE DE ESTUDOS EMPÍRICOS DE RESILIÊNCIA NO BRASIL ENTRE 2009 A 2015

Apresentando dados mais concretos dos estudos realizados entorno da resiliência, foram pesquisados para este trabalho, artigos nas plataformas Scielo, Google Acadêmico e LILACS como o objetivo de coletar estudos empíricos sobre a resiliência relacionados à educação. As palavras chave utilizadas foram resiliência e educação. Na plataforma Scielo foram encontrados 37 artigos relacionados com o tema, sendo a maioria na área da enfermagem, psicologia multidisciplinar e educação e pesquisa educacional. Já na plataforma do Google Acadêmico foram localizados 15.500 artigos sobre a resiliência. E na LILACS foram encontrados 34 artigos relacionados a resiliência, sendo a resiliência psicológica e educação e saúde como um dos assuntos tratados. Os artigos analisados nesse capítulo exibem 1 artigo do ensino fundamental, 1 artigo do ensino médio e 2 artigos do ensino superior. O critério de escolha dos artigos foram estudos realizados diretamente em escolas, assim distribuídos entre os níveis de ensino, possibilitando uma dimensão do tema nos níveis do ensino fundamental, ensino médio e ensino superior.

O primeiro artigo analisado, intitulado de “Prevenção da violência através da resiliência dos alunos” de Matos, Martins, Jesus e Viseu (2015). Tem como objetivo analisar a influência da resiliência sobre a violência entre pares, em alunos de 2º e 3º ciclo do ensino fundamental.

O método utilizado é um estudo quantitativo aplicando a técnica da regressão em uma amostra de 1.361 alunos do 2º ciclo (52, 5%) e do 3º ciclo (47,5%) do Concelho de Faro, com idades de 10 a 17 anos, e o sexo feminino sendo a maioria apresentando 51,3%.

Os pesquisadores procuraram averiguar todos os alunos das escolas básicas públicas e privadas do Concelho de Faro. Os resultados, no que remete a análise de dados, mostraram que existe uma influência positiva entre a resiliência desenvolvida na criança e o perfil resiliente atual do jovem. Verifica-se também que a resiliência desenvolvida desde a infância influencia negativamente a violência os jovens estabelecem com os pares, quer na situação de agredido, de agressor ou ao que se relaciona no âmbito geral da escola. Referente ao perfil resiliente atual, há a uma maior a resiliência

corresponde menor violência, quer na perspectiva do agressor, de agredido ou geral da escola.

O segundo artigo analisado, intitulado de “Resiliência em estudantes do Ensino Médio” de Peltz, Moraes e Carlotto (2010), teve como objetivo avaliar a resiliência em estudantes do Ensino Médio em uma escola da rede pública de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre – RS. O objetivo da investigação esta relacionada à associação com as variáveis sociodemográficas, escolares e a contribuição da escola em seu desenvolvimento pessoal.

O método utilizado foi uma amostra, do tipo acidental, composta de 140 alunos de uma Escola Estadual. 55% desses alunos pesquisados eram do sexo feminino. Do total da amostra, incluía o 1º ano, 2º ano e 3º ano.

Os instrumentos utilizados para a investigação foram um questionário para dados mais gerais e o outro instrumento foi à escala de Resiliência de Wagnild e Young (1993) adaptada para uso no Brasil por Pesce, Assis, Avanci, Santos, Malaquias e Carvalhes (2005). Esse estudo de caráter quantitativo realizou a coleta de dados, foi analisado em pacote estatístico e gerado médias e desvio-padrão das dimensões da resiliência.

Os resultados indicam a associação negativa entre renda familiar e a dimensão de resiliência de Independência e determinação. A associação positiva foi identificada entre a percepção de que a escola contribui para o desenvolvimento pessoal e a dimensão de resolução de ações e valores.

Em seguida, artigo analisado foi “Resiliência em acadêmicos de pedagogia” de Angst e Amorim (2011), esse estudo teve como objetivo avaliar a incidência de comportamentos resilientes em acadêmicos de Pedagogia de uma Universidade particular de Curitiba - PR, estudantes que cursavam o último semestre de graduação.

Foram 62 participantes que responderam à pesquisa, sendo predominantemente o sexo feminino e a idade variou entre 20 a 42 anos, o estudo foi direcionado aos acadêmicos do período matutino e noturno. Os instrumentos utilizados foram a Escala de Resiliência de Pesce et al (2005) e um questionário sociodemográfico elaborado pelos autores desse estudo, abordando a vida acadêmica e pessoal do participante.

Os dados das pesquisas foram analisados de forma quantitativa e qualitativa e obteve um indicativo de que a amostra apresenta estratégias para lidar com situações adversas. Assim a pesquisa mostra-se de grande importância compreender como a resiliência atua nos profissionais da educação, para que eles se tornem resilientes e também possam promover a resiliência para seus alunos.

Por fim, o último artigo analisado foi “Avaliação do processo de gestão na implantação de processos inovadores na faculdade de medicina de Marília: aspectos da resiliência docente e discente” de Silva (2009), o estudo apresenta e discute resultados de uma pesquisa avaliativa, no enfoque qualitativo, durante o processo de gestão na implantação de métodos ativos de ensino-aprendizagem. Essa pesquisa tem como objetivo verificar através da análise avaliativa como se comportam os gestores, docentes e discentes frente à implantação de Metodologias Ativas de Ensino Aprendizagem e a relação com a afetividade desses processos inovadores. O método se dá pela análise de qualitativa, sendo seu campo de estudo foi onde se desenvolvem as oficinas de Processo de Gestão e Trabalho em Saúde durante o Fórum 2008 de desenvolvimento Institucional Famema (Faculdade de Medicina de Marília). O método utilizado na análise de dados, foi a análise de conteúdo, modalidade, temática, com ênfase na abordagem qualitativa.

O resultado se deu na identificação das temáticas sobre o entendimento do que é gestão participativa, resultados esperados com a implantação da gestão participativa e aprendizagens institucionais em relação à implantação da gestão participativa.

Portanto, os artigos relacionados acima demonstram a relevância da resiliência nos três níveis de ensino, sendo aspecto importante na constituição das relações entre pares em consonância com o ambiente educativo. Para isso, como o artigo voltado ao ensino fundamental apontou como prioridade a utilização de estratégias que promovam a resiliência na escola, uma vez que, como expôs o segundo artigo, a escola contribui para o desenvolvimento pessoal dos estudantes. Em harmonia com estes, os artigos do ensino superior mostram destaque na importância em compreender como a resiliência atua nos profissionais da educação, em que uma vez sendo resilientes, promoverão a resiliência aos seus aprendizes..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do estudo desenvolvido neste trabalho de conclusão de curso, conhecer a origem do termo, o seu conceito ainda em construção e sua história ainda em desenvolvimento se fazem relevantes para compreender o contexto em que a resiliência vem se tornando algo utilizado em várias áreas e com o mesmo enfoque, no de enfrentamento das adversidades e a partir dela obter uma adaptação positiva.

Como os autores bem destacaram, os estudos sobre a resiliência no Brasil ainda são restritos há pequenos grupos acadêmicos, o que deveria ser mais difundido e debatido devido ampla diversidade e possibilidade em que ela pode atuar.

Apesar disso, observa-se em que o conceito esta sendo conhecido e é crescente o número de pesquisas relacionadas à resiliência, ainda que maior parte esteja na área da saúde e vem se aproximando da educação.

O movimento desta pesquisa estava em buscar relações da resiliência e unir ao ambiente educativo, pois entendo o assunto como algo a se levar à sala de aula, observando o professor em primeira instância o sujeito que proporciona um ambiente resiliente, uma vez que acredita nela, assim sua ação pedagógica cresce quando existe um suporte afetivo e emocional.

O ambiente escolar é propício a desenvolver a resiliência, uma vez que os sujeitos envolvidos no processo educativo encontram momentos adversos a todo o momento e necessitam utilizar um instrumento de defesa e de auto fortalecimento pra se adaptar e criar possibilidades diante do enfrentamento.

Sabe-se que a resiliência não é algo nato às pessoas, talvez algumas pessoas estivessem mais tendenciosos a desenvolver do que outros, mas todos temos a capacidade de desenvolver. Assim, a escola é um ambiente favorável para se promover.

Os artigos analisados revelam isso e se sustentam principalmente sobre a importância do conhecimento da resiliência bem como a sua promoção em contexto educacional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, J. M.; MAHFOUD, M.; NASCIMENTO, I. F. G. **A construção do conceito de resiliência em psicologia**: discutindo origens. Paidéia, v.21, n49, p.263-271, maio-ago. 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/3054/305423783014/>>. Acesso em: abril/2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição**: República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm >. Acesso em: setembro/2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Projeto Vivencial**. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/2sala_projeto_vivencial/pdf/dimensoes_conceituais.pdf>. Acesso em: outubro/2017.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO-EDUCERE, 10, 2011, Curitiba. ANGST, R. AMORIM, C. **Resiliência em acadêmicos de pedagogia**. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2011. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4315_3056.pdf >. Acesso em: outubro/2017.

CYRULNIK, B. **La maravilla del dolor**: el sentido de la resiliencia. Barcelona: Granica, 2001.

EDUCAR. In: DICIONÁRIO etimológico. Disponível em:<<https://www.dicionario-etimologico.com.br/educar/>>. Acesso em: agosto/2017.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. S.; MOREIRA, C. O. F. **Educação escolar e resiliência**: política de educação e a prática docente em meios adversos. Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação, 2010. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399537973006>>. Acesso em: agosto/2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Editora paz e Terra, 1997.

HERNÁNDEZ, G. G. A resiliência holística e sua aplicação no ambiente escolar. In MIRAVALLÉS, A. F; ORTEGA, J. G. (Orgs.) **A resiliência em ambientes educativos**: sentidos, propostas e experiências. São Paulo: Paulinas, 2015. P.27-50.

INFANTE, F. A resiliência como processo: uma revisão da literatura recente. In MELILLO, A. OJEDA, E.N.S. et al. **Resiliência**: descobrindo as próprias fortalezas. Porto Alegre: Artmed, 2005. P.23-38.

MACHADO, A. P. O. **Resiliência**: Conceituação e discussão. Disponível em:<<http://www.ufjf.br/virtu/files/2011/09/RESILI%C3%80NCIA-CONCEITUA%C3%87%C3%83O-E-DISCUSS%C3%83O.pdf> >. Acesso em: março/2017.

MATOS, F.; MARTINS, H.; JESUS, S. N.; VISEU, J. Prevenção da violência através da resiliência dos alunos. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v.16, n.1, p.35-43, mar. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862015000100005>. Acesso em: novembro/2017

PARANÁ. Secretaria de Estado de Educação. **Projeto político Pedagógico: Uma construção “coletiva”**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/218-4.pdf>> Acesso em: outubro/2017.

PELTZ, L.; MORAES, M. G.; CARLOTTO, M. S. Resiliência em estudantes do Ensino Médio. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v.14, n.1, p.87-94, jan-jun 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a10.pdf>>. Acesso em: novembro/2017.

PESCE, R.P.; ASSIS, S.G.; SANTOS, N.; OLIVEIRA, R.V.C. Risco e proteção: Em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v.20, n.2, p.135-143. mai - ago 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v20n2/a06v20n2.pdf>>. Acesso em: novembro/2017.

POLETTI, M. KOLLER, S. H. Contextos ecológicos; promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v.25, n.3, p. 405-416, setembro 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n3/a09v25n3.pdf>>. Acesso em: novembro/2017.

RAYMUNDO, R. S.; LEÃO, M. A. B. G.; A resiliência como fator de desenvolvimento na prática pedagógica: pensando a formação docente e sua relação com a comunidade. **Revista de Ciências da Educação**, Americana, Ano XV, v.02, n.29, p.55-66, jun-dez 2013. Disponível em: <<http://revista.unisal.br/ojs/index.php/educacao/article/view/287/256>>. Acesso em: outubro/2017.

SILVA, R. H. A. Avaliação do processo de gestão na implantação de processos inovadores na Faculdade de Medicina de Marília: aspectos da resiliência docente e discente. **Avaliação**, Campinas; Sorocaba, SP, v.14, n.2, p.471-485, jun.2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/aval/v14n2/a11v14n2.pdf>> Acesso em: novembro/2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE RESILIÊNCIA. O que é resiliência. Disponível em: <<http://sobrare.com.br/wp-content/uploads/2015/11/ebook-o-que-e-resiliencia.pdf>>. Acesso em: abril/2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE RESILIÊNCIA. 10 indicações de livros para desenvolver seu projeto acadêmico sobre resiliência. Disponível em: <<http://sobrare.com.br/10-livros-sobre-resiliencia-confirmacao/>>. Acesso em: abril/2017.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE RESILIÊNCIA. Resiliência nos projetos de vida. Disponível em:< <http://sobrare.com.br/wp-content/uploads/2015/12/ebook-resiliencia--projetos-de-vida.pdf>>. Acesso em: abril/2017.

TABORDA, N. G.; LEGAL, E. J; MACHADO, N. Resiliência: em busca de um conceito. **Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano**. São Paulo, v.16, n.3, p.104-113, dez 2006. Disponível em:< http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822006000300012>. Acesso em: outubro/2017.

TEIXEIRA, E. C. **Resiliência e vulnerabilidade social**: uma perspectiva para a educação sociocomunitária da adolescência. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

YUNES, M. A. M. Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v.8, n. esp., p.75-84, 2003. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa10>>. Acesso em: outubro/2017.